

O DIÁLOGO EM PAULO FREIRE: IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPONÊS¹

Ana Paula De Moraes², José Pedro Boufleuer³.

¹ Trabalho feito no âmbito do projeto “O diálogo em Paulo Freire”, vinculado ao projeto “Razão Comunicativa e Educação: o Ensinar e o Aprender em Perspectiva Pós-Metafísica”.

² Bolsista PIBIC/CNPq; aluna do Curso de Pedagogia.

³ Professor no Departamento de Humanidades e Educação. Orientador.

Introdução

O presente trabalho foi realizado como bolsista do projeto “Razão Comunicativa e Educação: o Ensinar e o Aprender em Perspectiva Pós-Metafísica”, orientado pelo professor José Pedro Boufleuer. O subprojeto, intitulado “O diálogo em Paulo Freire”, objetiva caracterizar a categoria de diálogo na obra desse autor, buscando compreendê-la em seus fundamentos teóricos e implicações práticas.

Na presente etapa da pesquisa investigou-se o modo como Paulo Freire concebe a relação educativa do técnico agrícola ou agrônomo com o camponês, reflexão esta desenvolvida no Chile por ocasião do seu exílio no final da década de 1960. Para Freire a educação se dá pela comunicação, através de uma relação dialética, desenvolvendo a consciência crítica que transforma o homem em ator principal de sua história, fazendo-o refletir sobre o seu mundo e transformando a sua realidade.

Metodologia

Tendo como tarefa identificar o modo como Paulo Freire concebe a relação educativa entre o técnico agrícola ou agrônomo com o camponês, e de que forma aí aparece a dimensão do diálogo, foram feitas várias leituras de Paulo Freire e de outros comentadores de sua obra. De forma mais sistemática foram feitos estudos a partir das obras “Extensão ou Comunicação” (FREIRE, 1985), bem como da obra “Pedagogia Latino-Americana: Freire e Dussel” (BOUFLEUER, 1991).

Resultados e Discussões

Paulo Freire entende a educação como uma forma de libertação do sujeito frente a uma realidade de opressão. No livro “Extensão ou Comunicação” Paulo Freire relata a dificuldade de diálogo entre o técnico agrícola e o camponês na construção de uma sociedade agrária. E é nesse sentido que propõe que a relação educativa se dê ao modo de uma “comunicação” e não de “extensão”. Educar, nesse sentido, envolve uma situação gnosiológica, de conhecimento, para o que se torna fundamental uma relação dialógica, de efetiva comunicação.

Para Paulo Freire o sujeito é interdependente do objeto e assim coloca o sujeito em constante contato com a realidade. O homem não vive isolado do mundo e nem o mundo existe sem o homem, e é só nessa relação que poderá haver transformação. A realidade história resulta dessa

SALÃO DO CONHECIMENTO

UNIJUÍ 2013
Ciência • Saúde • Esporte



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXI Seminário de Iniciação Científica

relação. Realidade da qual o sujeito faz parte, com a qual interage. Toda essa enunciação envolve uma dialética em que de um lado está o homem e de outro o mundo objetivo. Se existisse um mundo criado, acabado, não seria transformável. O homem e o mundo-histórico cultural, inacabados, encontram-se numa relação permanente. Assim, o homem transforma o mundo, ao mesmo tempo em que realiza a sua própria transformação.

A educação para ser de fato libertadora não pode ser usada apenas como uma transferência ou transmissão de saber para o educando. Para Paulo Freire a educação requer uma “situação verdadeiramente gnosiológica”, isto é, em que haja efetivamente uma produção de conhecimento. No processo educativo libertador, na relação educador-educando, ambos são indivíduos que conhecem, defronte a objetos que podem ser conhecidos. Freire rejeita a ideia de que somente através do educador o educando chegaria ao conhecimento. Ao se acreditar que só se aprende do educador não há como fazer da educação uma situação verdadeiramente de conhecimento, já que ela se resumiria a uma transmissão de quem sabe para quem é absolutamente ignorante.

Freire se refere ao educador que se nega ao diálogo como “educador verbalista”, pois apenas transfere informações memorizadas. Nesse sentido ele é também assistencialista, pois supre algumas necessidades de ação dos indivíduos, sem transformar a realidade social e educacional. Assim, ao invés de discursar sobre algo já feito, elaborado, acabado, propõe que o educador apresente determinadas situações aos educandos para que eles se questionem e busquem o conhecimento libertador. Neste ato de problematizar determinadas situações com os educandos o educador mesmo acaba se problematizando.

A problematização é de tal forma dialética que seria impossível alguém propô-la sem expor-se ao seu processo. Ninguém questiona algo a alguém e permanece como mero observador da problematização. Enquanto novos aspectos da problematização emergem do diálogo, novos caminhos de compreensão se abrem em relação à situação em pauta. E quanto mais o educador se abrir ao diálogo, aos diferentes pontos de vista dos interlocutores, mais continuará aprendendo também.

A educação, como processo de problematização, gira em torno do indivíduo-mundo, em torno das relações inseparáveis que se estabelecem entre ambos, e não em torno do indivíduo isolado deste mundo. O que realmente importa à educação, como situação de conhecimento, é a problematização do mundo do trabalho, das ideias, da ciência, enfim de tudo o que resulta das ligações indivíduo-mundo, nas quais os indivíduos se encontram como seus criadores.

Vê-se assim o trabalho do agrônomo-educador. Trabalho no qual se deve buscar o diálogo com os camponeses, conhecendo sua realidade para, juntamente com eles, melhor transformá-la. Assim, por exemplo, o plantio passa a ser aprendido, criticamente, como parte de um mundo paralelo maior. Compreende-se, então, que o plantio está associado às condições da terra, às condições climáticas, das sementes, entre outros fatores, como também à posse da terra. Dessa forma, toda determinação, em um sentido, implica numa determinação totalizadora. É necessário problematizar toda a estrutura em que se encontram as técnicas para poder ensiná-las. O mesmo ocorre com o trabalho de alfabetização de adultos, que necessita estar associado à condição em que vivem esses sujeitos, à sua visão da realidade.





Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXI Seminário de Iniciação Científica

Os conteúdos problemáticos que constituem o conteúdo em torno dos quais os indivíduos efetuarão sua ação de conhecimento não podem ser estabelecidos unilateralmente por parte do educador. Se isso ocorrer a educação se torna mero assistencialismo, uma forma de doação, o que já foi criticado acima. Em o agrônomo elaborar unilateralmente o programa da assistência técnica, sem considerar as percepções dos camponeses, ele estará incorrendo numa invasão cultural. Por isso é importante considerar o prévio conhecimento desses camponeses, vendo seus níveis de percepção da realidade, buscando ver sua visão de mundo.

Para o conhecimento desta visão de realidade dos camponeses requer-se uma pesquisa dos “temas geradores” que expressam as suas concepções. Essa pesquisa exige um método, que deve ser dialógico-problematizador e conscientizador. Os temas levantados são submetidos aos camponeses na forma de um diálogo com o educador. Nesse exercício outros assuntos surgirão em função da transformação sofrida pela percepção da realidade. Desta maneira o conteúdo do fazer educativo nasce dos próprios camponeses, de suas relações com a realidade e, assim, vai se ampliando, transformando, na medida em que essa realidade vai se desvelando. Supera-se, assim, a concepção de educação entendida como pura transmissão de conhecimentos, ou, então, a ação puramente extensiva dos conteúdos escolhidos pelo educador.

A assistência técnica só é autêntica se seu programa nascer da pesquisa do tema gerador levantado junto ao camponês, indo além do que seria um mero treinamento técnico. A capacitação técnica, portanto, é mais do que prática, é busca de conhecimentos, é adequação de atos. A capacitação só se dá no domínio do humano, pois só o homem é capaz de exercer um ato de reflexão, sobre si mesmo e sobre a sua ação. Assim, para ser verdadeira a capacitação deve ocorrer na ação e na reflexão.

Conclusões

Todo processo educativo, quer seja educador-agrônomo ou não, que se limita a analisar, relatar, a falar de algo, ao invés de proporcionar a reflexão cognoscitiva, não alcança a centralidade dos problemas. Sua tendência é produzir a “ingenuidade” e não a conscientização dos educandos. Esta é a razão pela qual uma autêntica assistência técnica deve orientar-se a uma ação de caráter educativo, com efetiva construção do conhecimento, onde educador e educando desenvolvem uma ação problematizada em torno da realidade, valendo-se para isso do diálogo.

Segundo Freire, a educação para ser humanista deve ser libertadora, fazendo o indivíduo se posicionar, se fazer na palavra, na ação-reflexão. Trata-se de uma necessária tomada de consciência, que não resulta de um ato meramente intelectual, individualista. A tomada de consciência é o fruto da defrontação do homem, na companhia de outros, com o mundo. É por isso que a educação, ao invés de ser transferência de saber, é comunicativa, é dialógica. Paulo Freire vê a educação como uma forma de humanizar o homem, na ação consciente que este deve fazer para transformar a realidade.

Fomento: PIBIC/CNPq

Palavras-chave





Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXI Seminário de Iniciação Científica

Paulo Freire, Educação Libertadora, Diálogo, Educação do Campo.

Referências Bibliográficas:

BOUFLEUER, José Pedro. Pedagogia latino-americana: Freire e Dussel. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1991.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.



Para uma VIDA de CONQUISTAS